

Espiritualidade ACI | Caderno II

Eduarda Barata, a.c.i.

# Características humanas

DE

# SANTA RAFAELA MARIA



ESCRAVAS DO SAGRADO  
CORACÃO DE JESUS

### **Títulos disponíveis nesta coleção**

1. Um caminho, uma vida: história de Santa Rafaela Maria – *Margarita Agustí, a.c.i.*
2. Características humanas de Santa Rafaela Maria – *Eduarda Barata, a.c.i.*
3. Características de Santidade em Santa Rafaela Maria (Tirado do Prólogo de *Palabras a Dios y a los hombres*), *José Luís Martín Descalzo*
4. Santa Rafaela Maria e a Eucaristia – *Inmaculada Yáñez, a.c.i.*
5. A Eucaristia, espaço de Reparação – *Nurya Martinez-Gayol, a.c.i.*
6. A Reconciliação na vida de Santa Rafaela Maria – *Inmaculada Yáñez, a.c.i.*
7. Escrever a minha história só na mente de Deus – *Angeles Mera, a.c.i.*

[www.aciportugal.org](http://www.aciportugal.org)

## Introdução

Não é objectivo deste tema fazer um elogio de Santa Rafaela Maria. Não é que não fosse legítimo; mas deixar-nos-ia muito aquém da verdade, da densidade, da grandeza desta mulher que nos fala de Deus.

Aquilo que caracteriza, isto é, que a diferencia, que marca profundamente a pessoa de Rafaela Maria não é tanto aquilo que disse, como o modo como viveu. E isto porque nessa forma de ser e de estar se toca o próprio Deus, se descobre o Divino e o humano.

A expressão «características humanas» é traiçoeira, porque é ambígua. Pode-se dizer de uma pessoa que ela é muito humana para dizer que é simpática, compreensiva, acolhedora... Normalmente descrevemos assim uma pessoa que é boa, que tem um coração grande, junto da qual nos sentimos bem, que está sempre pronta a ajudar.

Ainda que nem todos possamos ser descritos como sendo «uma pessoa muito humana», a verdade é que se trata de algo quase natural, inerente à bondade do ser humano. Estamos num plano horizontal, talvez de grande projecção em extensão, mas de pouca profundidade.

O adjectivo «humano» pode ter como sinónimo a expressão «humanizado», isto é, tornado humano, feito humano. E aqui há algo que imediatamente nos soa: Deus fez-se homem, Deus tornou-se humano, humanou-se<sup>1</sup> e assim nos humanizou, deu-nos a possibilidade de nos tornarmos aquilo a que estamos chamados: ser imagem de Jesus, o Verbo

---

<sup>1</sup> Gal 4, 4; Flp 2, 7

Encarnado<sup>2</sup>. É n'Ele onde encontramos a verdadeira medida do humano, as características que nos permitem dizer que uma pessoa é realmente humana. E aqui tocamos, mais do que a projecção extensiva, a densidade de uma humanidade que, por ser tão profundamente humana, é divina.

Teologicamente, o caminho que os evangelistas percorreram ao escrever a Boa Notícia de Jesus, começa no fim (a afirmação da humanidade do Senhor) para chegar ao princípio (a afirmação da sua Divindade). Foi através do conhecimento interno das características humanas de Jesus que os apóstolos constataram que Ele era Deus. Não podia ser de outro modo. Quem viveu do modo como ele viveu, quem amou com a qualidade com que Ele amou, quem foi livre como Ele foi, quem se entregou totalmente como Ele, até ao limite de si mesmo... só podia ser Deus. O centurião, que se achava bem defronte (de Jesus crucificado), vendo que expirava desse modo disse: «verdadeiramente este homem era Filho de Deus»<sup>3</sup>. Esta afirmação, retirada do evangelho de Marcos, aparece nos quatro evangelhos, testemunhando a importância e a centralidade da constatação<sup>4</sup>.

Diz K. Rahner, um teólogo jesuíta do nosso século, que Jesus Cristo «é verdadeiramente homem, isto é, tem em sentido próprio uma realidade humana, uma vida humana e uma história (uma natureza humana) na qual a Palavra de Deus se nos diz, se nos manifesta, de modo que, verdadeiramente, ao captar essa humanidade captamos e compreendemos algo de Deus»<sup>5</sup>.

<sup>2</sup> Jo 1, 14

<sup>3</sup> Mc. 15, 39

<sup>4</sup> Em João, é este o significado do simbolismo do sangue e da água; cfr. nota a Jo 19,34 da Bíblia de Jerusalém.

<sup>5</sup> in: *María madre del Señor*, Barcelona, Herder, 1967, p. 13

É aqui que se deve ir buscar a medida do humano: quando através da humanidade, se toca a divindade, se toca a presença realmente viva de Deus.

Guardando as devidas proporções, com Rafaela Maria acontece-nos isto. Não é Deus, não é uma deusa, mas é uma pessoa que nos leva a exclamar: esta mulher só podia ser de Deus! Temos, pois, de procurar em Rafaela as características através das quais captamos e compreendemos algo de Deus.

## 1. Grande ânimo

Que as dificuldades da vida batem à porta de toda a gente, é evidente! Vêm ao nosso encontro sem pedir licença, sempre contra a nossa vontade e simulando tempos mais ou menos difíceis, talvez menos agradáveis. Ninguém as consegue evitar.

Aquilo que nos diferencia uns dos outros é o modo como vivemos as dificuldades, os contratempos, as ocasiões de tristeza. É nestes momentos que se toca a densidade do ser humano na sua capacidade de afrontar a vida, dando uma resposta construtiva, humanizadora.

Nesta situação, dizemos que a pessoa tem um espírito grande, tem um ânimo sólido. Não só não se deixa vencer, como sai fortificada, mais sensível ao sofrimento e debilidade do outro, mais preocupada em animar a alentar, do que em ser amada. Sendo assim, é também certo que ninguém dá daquilo que não tem. Então, como pode Rafaela apoiar, infundir, dar ânimo, dar vida? Não é por voluntarismo que ela o faz, pois esse acaba depressa e é estéril!... A sua fonte é outra e brota de dentro.

Mais importante do que aguentar sofrimentos é viver praticando virtudes, pois isso é que alarga o coração e o torna magnânimo.<sup>6</sup> Por isso, Rafaela exorta a viver em espírito, isto é, a transcender os acontecimentos do dia-a-dia para lá daquilo que têm de mais imediato. Para tal, aconselha a «fazer tanto caso dos nossos quereres e desejos como se faz com os de um asno»<sup>7</sup>. Não se trata de desprezo por si mesma, mas de concretizar aquilo que Santo Inácio de Loiola diz nos seus Exercícios Espirituais: «... não querendo nem buscando outra coisa alguma senão, em tudo e por tudo, maior louvor e glória de Deus Nosso Senhor. Porque, pense bem cada um, que tanto aproveitará em todas as coisas espirituais, quanto sair do seu próprio amor, querer e interesse».<sup>8</sup> Na medida em que a pessoa vive mais pendente de si mesma, parece que o espírito se atrofia e o ânimo decai. Por isso, Rafaela Maria diz à M. Maria da Consolação: «Espírito, minha irmã, isso é o que há que pedir ao Coração de Jesus»<sup>9</sup>.

Quando Maria Teresa Tabernerero, uma noviça por quem Sta. Rafaela tinha um grande carinho e apreço, adoece muito gravemente, escreve a santa: «Pobre Maria Teresa! Animem-na para que suporte os seus trabalhos com alegria e para que apresente a sua palma (a folha de palmeira, símbolo do martírio) direita, sem nenhuma ruga»<sup>10</sup>. Uma vez mais, a tónica está no espírito, e o que realmente dá esperança – animal – é apresentar-se diante do Senhor.

Numa carta à sua irmã, diz: «Não se aflija por nada; Deus quererá que tudo se arranje (...) Faça aquilo que puder e achar que é vontade de Deus,

<sup>6</sup> Cfr. C. 203, p. 328-329

<sup>7</sup> C. 201, p. 324

<sup>8</sup> EE 189

<sup>9</sup> C. 201, p.324

<sup>10</sup> C. 251, p. 394

sem sofrimento, que eu estou alegre e disposta a receber o que Ele me quiser enviar, que será o que mais me convém»<sup>11</sup>.

À M. Maria da Paz escreve: «Ânimo e adiante. A santidade não consiste, como muito bem sabe, somente em amores, mas em obras (...) Nas dificuldades, nunca pense que vai viver muito tempo, para não se desanimar; pense que aquela situação é Deus quem lha coloca, só para aquele momento, e que, assim, não pode desperdiçar nem uma só das graças que em si encerra»<sup>12</sup>.

Quando Maria Teresa morre, Sta. Rafaela escreve: «Que tristeza me deixou esta criatura! E não só a mim, mas a todas. Mas eu animo-as, que as pobres bem precisam»<sup>13</sup>. Ainda que tenha sido um acontecimento extraordinariamente doloroso para Rafaela, ela consegue sobrepor-se à dor para animar as outras. No dia em que recebeu o telegrama com a notícia do falecimento, escreve uma carta à superiora da casa, a M. Maria do Salvador: «Eu estou muito conformada, e até contente com as disposições do Senhor. Temos mais uma intercessora no céu»<sup>14</sup>.

A expressão «mais uma» é significativa. Diz Inmaculada Yañez, numa nota a esta carta, que «desde Fevereiro de 1887 – estamos em Fevereiro de 1890 – tinham morrido seis religiosas com uma média de idade pouco superior a vinte anos, e num grupo humano de população ligeiramente superior a centena e meia»<sup>15</sup>. Por isso, Rafaela escreve: «Se convém (aos

<sup>11</sup> C. 359, p. 547-548

<sup>12</sup> C. 308, p. 478

<sup>13</sup> C. 253, p. 396

<sup>14</sup> C. 212, p. 395

<sup>15</sup> nota 2, p. 396

desígnios de Deus), que cessem já as mortes, peçam isto»<sup>16</sup>. Para não deixar que o desânimo se instale e leve a melhor, Rafaela usa pequenos meios que a ajudam. Não são meios à toa, nem sequer ideias mais ou menos brilhantes. Esses pequenos meios são os propósitos fruto dos EE do ano de 1891: «Não me entristecer por nada. (...) Reanimar sempre com as minhas palavras»<sup>17</sup>.

A experiência que está por detrás destes propósitos é a de uma «mão carinhosa (a de Deus) que nem por um momento se afastava e dilatava os espaços» da sua alma<sup>18</sup>. É n'Ele que Rafaela encontra o ânimo que infunde vida. É Ele quem a guia e conduz através das adversidades. É com Ele que Rafaela quer estar, para depois ir ao encontro das suas irmãs.

## 2. Sensatez

A sensatez, sinónimo de prudência, não significa aqui a cautela da pessoa que não arrisca, mas sim a capacidade de discernir, isto é, de distinguir e ponderar os acontecimentos, de separar águas (como se costuma dizer) para pôr ordem. A expressão «pôr ordem» é entendida no sentido de ordenar as coisas, de as colocar no lugar que lhes é devido, de lhes atribuir a importância que cada uma tem. Isto significa dar prioridade, dar mais importância a umas coisas que a outras, subordinar uma decisão a outra. Para tal, é necessário um ponto de referência em relação ao qual tudo se ordena, em função do qual é possível conhecer o que a ele conduz e o que dele desvia. Falando de decisões e de ações, há ainda que ter

<sup>16</sup> C. 253, p. 396

<sup>17</sup> AA EE 14, p. 1061

<sup>18</sup> AA EE 13, p. 1095



em conta o motor que as acciona, o motivo, a razão que está por detrás e que, em última instância, nos move para um objectivo, para algo que buscamos. E é aqui que, cristãmente, as coisas se jogam. Simplificando: ou nos buscamos a nós mesmos, ou buscamos a Deus. Se nos buscamos a nós mesmos, o mais certo é que o horizonte se enevoe e os ideais se baralhem. Se procuramos o Senhor, não teremos a vida simplificada, mas uma claridade radiosa se espelhará na nossa vida.

Rafaela manifestou esta sensatez, esta capacidade de ver o que está por detrás dos acontecimentos, nas mais variadas situações. Assim, aconselha os seus sobrinhos Ildefonso e Rafaela a «rezar todos os dias o santo terço com os criados, mas só o terço: sem orações e agregados, que isso é o que cansa»<sup>19</sup>. Do mesmo modo, escreve à M. Maria do Carmo Aranda: «De manhã, pouco repicar os sinos, para não incomodar os vizinhos»<sup>20</sup>. Para ela, as pessoas são mais importantes que o dinheiro que se possa gastar, ou trabalho que haja para fazer, quer seja esta missão do Instituto ou simplesmente algo muito louvável. «O que eu quero é que se arranje o assunto da casa e oxalá (as Irmãs) estivessem conformes com a mudança, porque para o futuro – e também para os inícios – é preciso viver com uma certa largueza, porque depois as Irmãs adoecem»<sup>21</sup>.

Falando das escolas nocturnas que se abriram em Cádiz no início do Instituto, diz à M. Maria do Salvador, superiora da casa: «Se essas (escolas nocturnas) se abrem, não pode haver (escola) de dia, porque as irmãs não podem com tanto trabalho»<sup>22</sup>. «Eu não me atrevo – diz à M. Maria da Puríssima – que haja (Santíssimo exposto) durante toda a oitava (da festa

<sup>19</sup> C. 205, p. 331

<sup>20</sup> C. 215, p. 347

<sup>21</sup> C. 251, p. 394

<sup>22</sup> C. 266, p. 413

do Sagrado Coração), porque as noviças estão muito gastas. Uma noite sim e outra não, para que depois se possa ter o Santíssimo exposto de noite, na véspera de outros dias em que não estava previsto»<sup>23</sup>. A propósito de uma tarefa que a comunidade de Bilbao empreendera, escreve à M. Maria do Carmo Aranda: «(...) Se antes de se ter comprometido a fazer o estandarte eu tivesse sabido disso, não teria dado consentimento porque é uma obra magna e assim, com tão poucas pessoas, não me parece prudente. (...) Obras dessa magnitude devem ser pensadas com calma: primeiro, pela falta de pessoal, como já disse e, portanto, por falta de tempo; segundo, pela pouca saúde e capacidade (de trabalho) das Irmãs»<sup>24</sup>.

Quanto ao motor das acções – aquilo que se busca – Rafaela é muito clara. Numa carta à sua irmã, falando da M. Berchmans, escreve: «Pelo seu carácter, vai-se inutilizando e o pior é que vai perdendo o seu espírito religioso. Muito tempo depois de eu me ter vindo embora, ainda se ressentia de que eu a tivesse repreendido fortemente, porque nos dias da inauguração (da casa) nos tirou a paciência com as suas perfeições»<sup>25</sup>. Como se deduz, as «perfeições» não conduziam a bom termo, pelo que não podiam ser motivadas por aquilo que Santo Inácio designa por «bom espírito». Daí a repreensão de Rafaela, como preocupação de que a M. Berchmans se empenhasse naquilo que realmente alimenta o espírito religioso, e não desgasta a pessoa. A mesma preocupação sobressai na carta que escreveu à Irmã Maria do Precioso Sangue, em que Rafaela Maria chama as coisas pelo seu nome: «A Irmã está completamente apaixonada por si quando tanto se preocupa em se fará ou não fará bem a sua tarefa; ocupe-se mais de Deus e da sua tarefa e faça por desempenhá-la segundo

<sup>23</sup> C. 335, p. 514

<sup>24</sup> C. 357, p. 544

<sup>25</sup> C.

(o gosto) de Deus, com muitíssima paz e prudência e deixe-se de beatices. O que Deus quer é que, tanto com as Irmãs como com as pessoas de fora, se deixe de lenga-lengas e que pela sua falsa humildade se torne aborrecível (...). Seja humilde de verdade. Isso encontra-se se procura conhecer o que dá mais glória a Deus e bom-nome à Congregação; e faça de si o mesmo uso que faz da agulha para coser ou da vassoura para varrer»<sup>26</sup>.

De onde vem a Rafaela este sentido apurado de discernimento, que a leva a detectar o espírito com que se fazem as coisas? De onde lhe vem a claridade de ideias, que lhe permite destringer os acontecimentos com a precisão de um bisturi? De onde vem esta capacidade de encontrar o veio por onde corre o bom espírito? Nos EE de 1887, escreve: «Há algum tempo que nunca estou tranquila por causa destes dois temores (o medo das ilusões e o temor de pecar). (Então entendi interiormente) que mais do que ocupar-me com as tentações me (devia) ocupar daquilo que faço, isto é, que devagar ou depressa tirasse impedimentos e não me detivesse a olhar a água parada, nem a renovar o fundo que a turvava» porque quando se tiram os obstáculos maiores «a força da água (que corre) assentará ou levará consigo os (obstáculos) menores. Deus fará em mim do mesmo modo, se eu deixo correr a torrente do seu amor na minha alma»<sup>27</sup>. A experiência de Rafaela é que a preocupação de que se age bem ou mal, se está certa ou enganada, de se isto ou aquilo é pecado ou não, a centra em si mesma e a fecha ao amor de Deus. O que a esclarece não é a sua preocupação, mas o olhar de Deus. É Ele quem mostra a ordem – o lugar – de cada coisa.

<sup>26</sup> C. 238, p. 377

<sup>27</sup> AA EE 3, p.1024

### 3. Confiança

Confiar, diz o dicionário da Língua Portuguesa, é descansar em alguém. Diríamos que é repousar o nosso coração em alguém, com tudo aquilo que ele encerra. Em alguém que é diferente de nós, que é ‘outro’, que é ‘tu’, que é individualidade. Em alguém que não é desconhecido, mas que é íntimo; que é amado e amante, que é amigo. A imagem de alguém que descansa em alguém é a da criança nos braços da mãe ou a da amada nos braços do amado. Não há medos nem receios. Há abandono total, sem defesas. Há estar e ser um-no-outro, um-para-o-outro.

Só confia quem se sente seguro não de si mesmo, mas do outro. E a única segurança que existe para o ser humano é a do amor. Confiar é sempre um risco, mas um risco que vai sendo bem sucedido. Caso contrário, a pessoa encerra-se e não mais abre a porta. E, na medida em que a pessoa se sente amada – aconchegada, protegida – arrisca sempre mais, dando-se e dando tudo o que tem e possui. No entanto, a confiança não é etérea. Tem repercussões na vida do dia-a-dia, concretizando-se de muitas maneiras.

Uma constante em Rafaela Maria é trabalhar, empenhar-se, fazendo tudo o que está ao seu alcance para resolver um determinado assunto, confiando, ao mesmo tempo, que o Senhor fará a sua parte. Este é o fio condutor das peripécias ocorridas com a casa da Rua de S. Bernardo que, desde o início, se viu na eminência de fechar por motivos alheios às Irmãs. Escrevendo à M. Maria do Carmo Aranda, superior dessa casa, Rafaela diz: «Confio que, assim Deus o queira, este ano tudo ficará solucionado e essa casa ressuscitará; entretanto, tranquilidade, paz, alegria e grande confiança Naquele que tanto nos ama e tão poderoso é»<sup>28</sup>. Um

<sup>28</sup> C. 273, p. 426

ano e dois meses depois, tendo-se agravado a situação, escreve: «Do assunto, não sei o que dizer; só nos resta esperar em Deus e que se cumpra a sua vontade, porque se os seus desígnios são outros, que vamos nós fazer? (...) Acredite, Madre, que não há maior felicidade do que renunciar aos nossos desejos para nos apoiarmos na vontade divina; desde que me meti por este caminho, encontro-me muito bem e muito tranquila»<sup>29</sup> Este «renunciar aos nossos desejos» é forte! Estando em Roma, Rafaela fez todos os esforços por conseguir e enviar as declarações necessárias para obter a licença de culto público na capela da casa. Já muito próximo do encerramento, tendo a M. Maria do Carmo Aranda começado a escrever a história dos acontecimentos, Rafaela Maria diz-lhe: «Alegro-me que escreva a história, mas faça por mitigar o seu sofrimento, apoiada na tranquilidade da sua consciência e na rectidão das sua acções. (...) Dos males, Deus tira bens; e isto deve tranquilizar-nos, como tirará bens de tudo isto e disso que tanto a amargura»<sup>30</sup>.

As dificuldades são para Rafaela uma oportunidade para averiguar onde ou em quem está realmente depositada a confiança. À M. Maria do Salvador, escreve: «Eu estou sempre à espera de melhores dias e talvez (as dificuldades) sejam uma misericórdia de Deus para que não nos entre a vaidade, e para que trabalhemos com todo o nosso coração por agradarmos àquele que tudo nos dá: Deus. Porque quando nos vemos reconhecidas com visitas, algumas vezes terminamos por preferi-las a Ele, não é assim?»<sup>31</sup>. Por isso, há que colocar o coração em Deus, «com firmeza», porque só Ele permanece e só Ele é o garante da nossa valia pessoal<sup>32</sup>.

<sup>29</sup> C. 336, p. 515

<sup>30</sup> C. 343, p. 525

<sup>31</sup> C. 213, p. 344

<sup>32</sup> Cfr. C. 238, p. 377

«Tendo nosso Senhor, pode-se passar por tudo»<sup>33</sup>. Para quê angustiarmos-nos? «Tenha fé [...] sem angústia, que Ele a ajudará»<sup>34</sup>.

O Senhor guia todos os acontecimentos para a sua glória. A ‘glória de Deus’ é a manifestação do próprio Deus em toda a densidade do seu ser. Na altura em que se retira para Roma, delegando a sua autoridade na M. Pilar, Rafaela escreve à M. Maria do Carmo Aranda: «Verdadeiramente, a Congregação passa por uma dessas provações que só acontecem uma vez na vida de cada Instituto; mas há que ter paciência e esperar, porque o Senhor rapidamente terminará com ela, e ter confiança em que tudo se converterá em sua glória, em que, ainda que hoje não vejamos, Deus terá os seus fins.»<sup>35</sup>

Mesmo no meio da dificuldade a confiança permanece<sup>36</sup>. Sinais disso são a humildade, a pobreza de espírito e a ausência de aflição<sup>37</sup>. É Jesus mesmo que, nos mistérios da sua vida, lhe dá a conhecer o caminho. Nos EE de 1890, depois de contemplar a fuga para o Egipto, Rafaela Maria escreve: «Em circunstâncias análogas [quando sentir que as minhas virtudes são postas à prova] estarei bem unida a este mistério, farei por imitar esta santíssima Família e nada será capaz de me fazer oscilar. Quanto mais aflita mais confiada e mais abandonada em Deus e muito unida a Ele pela oração.»<sup>38</sup>

Para permanecer confiada no meio da tribulação é fundamental não desviar o olhar. Pouco depois de ter escrito o seu informe sobre o estado do governo do Instituto, Rafaela escreve ao seu director espiritual, o

<sup>33</sup> C. 258, p. 403

<sup>34</sup> C. 238, p. 377

<sup>35</sup> 35 Cfr. C. 367, p. 563.

<sup>36</sup> Cfr.c. 385,p. 592. r

<sup>37</sup> Cfr. C. 258, p. 402.

<sup>38</sup> AA EE 10. pp. 1045-1046.

padre Hidalgo: «Assombrei-me de tanta felicidade, pois naquele dia e naqueles momentos encontrava-me submersa num mar de amarguras e trevas de inferno [...] A paz, a luz e a suavíssima alegria com que se inundou a minha alma só quem ma deu é que a conhece pois isto sim que não é possível ser forjado, tal como essa imagem tão assombrosa, tão instrutiva e de tanta segurança [da minha alma tão bela e tão cheia de vida} Não posso fazer outra coisa que não seja deixar-me nas mãos de Deus Pai e dizer sempre: cumpra-se a tua vontade em mim. Padre, entendi que eu era amadíssima por Deus, com predilecção [...] Mas ao mesmo tempo entendi que vou por um precipício e que, num momento, tudo posso perder se afastar o meu olhar dessa luz interior que como farol me guia.»<sup>39</sup>

Porque Rafaela arrisca confiar no Senhor, descobre-se imensamente amada por Ele!

#### 4. Saber dizer as coisas

Exteriorizar aquilo que nos vai por dentro, aquilo que em verdade vemos, o que sentimos, como nos situamos perante algum acontecimento, é sempre uma dificuldade, ainda que para uns o seja mais que para outros. Parece que para Rafaela isto não era tarefa fácil. Numa carta que escreve ao P. Hidalgo, diz: «Se V.R. vê que não pode orientar-me [com o seu conselho], reze muito por mim porque eu tenho muitíssima dificuldade em me comunicar»<sup>40</sup>.

A dificuldade reside no facto de que aclarar ideias, distinguir sentimentos, pôr nome às coisas que nos vão por dentro, puxa-nos para fora de nós mesmos e tira-nos «do nosso próprio amor, querer e interesse»,

<sup>39</sup> AAEE 16,1'1'.1064-1065.

<sup>40</sup> C. 375. p. 576.

usando a expressão de Santo Inácio. A abnegação que isto leva consigo, se é vivida com o Senhor e ao seu estilo, com a intenção de nos tomarmos semelhantes a Ele, abre a porta à graça e humaniza a pessoa. A dimensão na qual vivemos passa, então, a ser outra. Já não se trata de reagir de forma natural – segundo a natureza humana – mas segundo aquilo que se converte em benefício espiritual próprio e em benefício espiritual do outro<sup>41</sup>. O que aqui está em jogo é o modo como se dizem as coisas bem como a intenção que nos move ao dizê-las: podemos procurar dar vida ao outro ou buscarmo-nos a nós mesmos.

No entanto, as coisas complicam-se quando a pessoa está afectivamente envolvida no assunto. Nesta situação, a objectividade distorce-se, o equilíbrio desfaz-se e a liberdade desaparece no encerramento da pessoa sobre si mesma. Manter o equilíbrio, guardar a clareza de ideias que permite distinguir as coisas e permanecer aberto a Deus e aos outros, é fruto do encontro com o Senhor, que tudo transforma.

José Luis Martin Descalzo, no Prólogo a *Palabras a Deus e aos Homens*, diz: «[A Madre Sagrado Coração] disse sempre a verdade sem rodeios, inclusivamente – ou, sobretudo, – nos momentos de maior tempestade. E tinha a excepcional habilidade de dizer coisas duríssimas sem ferir ou sem querer fazê-lo. Podia-se-lhe perfeitamente aplicar aquele dito de Bernanos que aconselhava um amigo a que «se acostumassem a dizer a verdade inteira, quer dizer: sem lhe acrescentar o prazer de magoar» – ou, acrescento eu, o desejo de agradar –. A verdade em Santa Rafaela é sempre seca, mas não magoa; dolorosa, mas não ressentida»<sup>42</sup>. ‘Pôr o dedo na ferida’, chamar as coisas pelo seu nome, descrever uma situação tal e como ela

<sup>41</sup> Cfr. ARZUBIALDE, S., *Ejercicios Espirituales de S. 19nácio. História y Análisis*. Bilbao-Santander 1991, p. 112.

<sup>42</sup> MARTÍN DESCALZO, in Yáñez, *Palabras a Dios y a los Hombres*. Madrid 1989, p. XV.



é, sem magoar, sem ressentimento, fala de uma intenção recta e de uma liberdade conquistada.

Diz Santiago Arzubialde que «a intenção recta é uma liberdade ordenada pelo desinteresse do verdadeiro amor, onde a liberdade é a raiz e a síntese de tudo aquilo que se oferece e entrega»<sup>43</sup>; essa ordem de liberdade «consiste [...] na unificação do coração para a verdadeira liberdade, como resultado de uma experiência real de Deus»<sup>44</sup>.

Em 1889, Rafaela Maria escreve à sua Irmã, por causa do assunto dos votos perpétuos:

«[...] Creio que é justo que, já que a Congregação com tanto gosto ajuda essa casa [da Corunha], a Irmã deva corresponder fazendo a sua profissão perpétua. Olhe que há muito escândalo [à volta do assunto]. Pelo amor de Deus: faça o que tem a fazer, que essa sua situação é obra do demónio. De qualquer modo, tão obrigada está agora como depois. Se [essa sua recusa] é para me atar, como eu sempre actuo de acordo com a minha consciência, agora e sempre agirei apenas por temor a Deus e a mais ninguém, porque a mim nem a lisonja nem a pressão me arrastam; apenas o dever me leva a actuar, como a Irmã muito bem deveria saber. Ao dever sei sacrificar-me, mas a outras coisas não. E agir em contra da consciência nunca, nem que me cortassem às tiras»<sup>45</sup>.

No meio de toda a agitação, Rafaela vive tranquila porque nela não há ofuscação<sup>46</sup>; o seu interesse é o bem da Congregação. Por isso, corrige com uma linguagem dura, mas que repõe a verdade e faz crescer: «Ainda que seja conselheira [do Governo Geral, querida Madre – escreve

<sup>43</sup> ARZUBIALDE, *Ejercicios Espirituales*, p. 501.

<sup>44</sup> Idem, p. 50.

<sup>45</sup> C. 225, p. 362; efr. C. 226, pp. 3635.

<sup>46</sup> Cfr. C. 342, p. 524.

à Madre Maria da Cruz – não deixa por isso de estar obrigada a ser súbdita, não é verdade? [...] A Madre dirá que essa sua atitude era expressão daquilo que sentia; e a isto chama simplicidade. Não, Madre, isto não é ser simples; antes manifesta aquilo que o seu coração contém. E isso é preciso curá-lo»<sup>47</sup>. O desejo de Santa Rafaela é que no Instituto se viva com rectidão, sinal de liberdade e da capacidade de se centrar naquilo que é essencial. À M. Maria do Carmo Aranda, diz: «Explique [às irmãs de primeiros votos] o que é o respeito e o dever para com as superiores e as Irmãs. Diga-lhes que não é mal ver as faltas que elas cometem e que não é por isso que perdem a reverência que para com elas devem ter; no entanto, esta reverência não lhes deve impedir que falem desses mesmos defeitos, sempre com entranhas de misericórdia, à admonitora ou, se não se corrige, às superiores maiores, por amor à Congregação e àquela que os comete. E isto não por rancor ou antipatia, mas por verdadeiro amor e caridade para com a sua alma e para o bem do Instituto»<sup>48</sup>.

Que podemos então dizer quando as pessoas, julgando actuar de acordo com a sua consciência, se movem em sentidos opostos e os frutos produzidos são contraditórios? «A questão não está em que dêem a sua opinião; – escreve Rafaela à M. Maria da Cruz – sim, isso é importante; e eu até de uma criança recebo uma opinião. O modo como se dizem as coisas é que é importante; oxalá o Senhor lhes permita ver que essa desconfiança que têm para comigo traz consigo muitos prejuízos»<sup>49</sup>. Em relação à sua Irmã, diz ao Cardeal Mazzella: «[ A minha Irmã justificou tudo aquilo que foi acontecendo durante a minha ausência em Roma] como sendo para o bem do Instituto: e não mentia, porque ela via as coisas desse modo; mas, sem querer, minava a concórdia que até então tinha reinado entre

<sup>47</sup> C. 276, p. 430.

<sup>48</sup> C. 306, pp. 475-476.

<sup>49</sup> C. 337, pp. 517-518.

todas»<sup>50</sup>. E continua: «Basta dizer que todas se julgavam «em consciência» autorizadas para corrigir os imensos males que havia no Instituto. [...] Eu tremia porque previa uma onda de coscuvilhice se a todas se inculcasse esta atitude de julgar; ainda que a intenção fosse boa (porque era para dar conta das casas que [as assistentes] julgavam que estavam perdidas), o remédio era terrível e eu via que era muito prejudicial»<sup>51</sup>.

De facto, a diferença não está tanto na forma como se dizem as coisas como na intenção que nos leva a dizê-las. À M. Maria da Puríssima, Rafaela escreve, citando uma homilia que S. Francisco de Borja fez aos jesuítas quando tomou posse do seu cargo como superior geral da Companhia; nessa homilia ouve-se o eco do segundo capítulo da carta de S. Paulo aos Filipenses. Diz assim Santa Rafaela: «Este foi o nosso espírito [de amor, de caridade, de atenção ao outro, de abaixamento, de humildade] e as Irmãs destruíram-no com as vossas suspeitas e com as vossas susceptibilidades, introduzindo no Instituto o espírito humano. Quando reinava o espírito de humildade e de simplicidade, parecia que voávamos»<sup>52</sup>. Ao Cardeal Mazzella, Rafaela Maria diz que «via clarissimamente pintadas a paixão, a ignorância e a acção do demónio»<sup>53</sup> denotando da sua parte o apurado sentido interior de quem está noutra onda de sintonia: «A mim aconselharam-me a que me calasse, que evitasse encontros, que cedesse naquilo que não fosse muito prejudicial e que nunca mostrasse má cara»<sup>54</sup>. Estes pequenos meios repercutem positivamente à sua volta, criando um espaço de liberdade que possibilita tanto a umas como as outras exprimir a sua opinião «com completa liberdade [...], sem

<sup>50</sup> C. 360. p. 550.

<sup>51</sup> Idem. p. 551.

<sup>52</sup> C. 3010. p. 522.

<sup>53</sup> C. 360. p. 551.

<sup>54</sup> Ibidem.

amargura nem azedume», com uma alegria e uma expansão tal que alarga o coração<sup>55</sup>.

De onde vem a Rafaela esta serenidade interior, esta finura de alma que lhe permite distinguir as coisas, esta liberdade que é espaço interior e que possibilita dizer as coisas bem ditas, sem mistura de sentimentos pessoais? «[...] Cheia de amargura corro junto de nosso Senhor para lhe pedir luz e conhecimento daquilo que V. R. e todos vêm em mim, para poder caminhar com segurança [sem ilusão]»<sup>56</sup>, diz ao P. Hidalgo. No Senhor, Rafaela encontra o espaço de liberdade que lhe dilata o coração, a alivia e a centra na verdade. Assim escreve nos Exercícios Espirituais de 1890: «[...] Mesmo vendo Deus muito grande e a mim vendo-me pequena não me encolhia; antes me dilatava, porque via que Deus era aquilo que é e eu sou aquilo que sou»<sup>57</sup>. É Ele quem lhe possibilita viver, respirar, ser, ordenando toda a sua vida para um mesmo fim: «Sou de Deus e exclusivamente de Deus. E como sou sua, devo receber todos os acontecimentos, sejam eles favoráveis ou contrários, como vindos da sua mão santíssima»<sup>58</sup>. O seu único desejo é estar com o Senhor, sempre e em todas as situações. «Eu, meu Rei, – escreve nos Exercícios de 1892 – irei frequentemente pedir-te conselho e escutarei a tua divina palavra no interior do teu Divino e misericordioso Coração; e não só escutarei como também copiarei os teus divinos ensinamentos para me revestir com eles e aparecer aos teus olhos menos indigna de te acompanhar de perto»<sup>59</sup>. O seu modo de proceder, e com ele as atitudes que a levam a saber dizer as coisas, toma-se claro nos propósitos que ela escreveu no final destes mesmos Exercícios Espirituais:

<sup>55</sup> Cfr. c. 315. p. J86.

<sup>56</sup> AA EE 16, pp. 1063-106-.

<sup>57</sup> AA EE 10, p. 10-7.

<sup>58</sup> AA EE 18. p. 1068.

<sup>59</sup> Idem, p. 1070.

«[...] Falar de quem me oprime apenas quando for necessário, e sempre com excessiva caridade. Quando me encontrar com estas pessoas não lhes dar nunca nem o menor sinal de queixa ou de ressentimento. [...] Quando me sentir alterada, não dizer nem uma palavra, por mais forçada que seja a isso. [...] Naquelas coisas que posso fazer livremente, não me atar com opiniões e se mas dão sem as pedir, não fazer caso delas»<sup>60</sup>.

Uma única paixão: Cristo. Um único desejo: amá-lo e que todos o amem. Um único caminho: tornar-se semelhante a Ele, deixando-o entrever na intenção recta e na liberdade com que dizia a verdade.

---

<sup>60</sup> Idem, pp. 107--1075.





